



## O pecado silencioso

*LUIZ FERNANDO PEREIRA GARUPE*

No palco da história e da memória, as mulheres e principalmente as mulheres homossexuais, são sombras perdidas num passado longínquo. Na narrativa histórica tradicional dedicam-lhes pouco ou nenhum espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública e política.

Quanto aos livros sobre a história da sexualidade, em geral tendem a ignorar as lésbicas. Os trabalhos amplamente citados de Michel Foucault, por exemplo, quase não fazem referência a elas, e seu argumento de que certas formas de sexualidade eram negadas pela sociedade ocidental, tendo começado apenas no século XVII, só pode ser sustentado se desconsiderarmos completamente o tratamento dado à sexualidade lésbica no período medieval e no começo da modernidade. Passando a trabalhos mais específicos, a rápida proliferação da literatura sobre a homossexualidade masculina não foi acompanhada de um crescimento comparável da literatura sobre a história das lésbicas e da sexualidade lésbica.

A homossexualidade feminina é designada de safismo ou de lesbianismo. Essas palavras foram criadas em memória de Safo, célebre poetisa de século VI a.C. Seus poemas ardentes, sensuais, mesmo eróticos, que puderam ser reconstituídos a partir dos fragmentos que chegaram até nós, são dirigidos a mulheres. Muitos de seus poemas foram destruídos pelos cristãos, por ordem do papa Gregório VII, no século XI, que os considerava imorais.

Safo foi a mulher gênio da história da poesia e da literatura helênica; a ela se deve a queda de

muitos tabus que podem ser tomados como pontos fundamentais para a libertação da mulher na história da civilização. Na Bahia, com certeza, o culto à sacerdotiza Safo teve fortes adeptos, pois em uma praça pública da cidade de Ilhéus encontramos uma linda estátua de Safo talhada em mármore, sendo homenageada como educadora das mulheres.

Na Europa pré-moderna, pensava-se que as mulheres eram muito mais concupiscentes que os homens e mais facilmente propensas à desvasidão. Em grande parte os textos, a literatura médica legal e teológica, recorrem a Aristóteles e à Bíblia. Em consequência disso, as acusações contra mulheres baseadas na má conduta sexual eram bastante freqüentes.

O fato é que durante muito tempo os europeus acharam difícil aceitar que as mulheres pudessem realmente ser atraídas por outras mulheres. Sua visão de sexualidade era falocêntrica – as mulheres tinham de ser atraídas pelos homens e os homens tinham de ser atraídos pelas mulheres e não havia nada numa mulher que pudesse despertar o desejo sexual de outra mulher. No direito, na medicina e na mentalidade popular as relações sexuais entre mulheres eram, portanto, ignoradas.

Essa obliteração de um pedaço significativo da sexualidade feminina da consciência da época é o mais curioso de tudo, porque em certos níveis as pessoas tinham conhecimento de sua existência.

A única alusão possível em toda a Bíblia, sobre a homossexualidade feminina, poderia ser a Epístola de Paulo aos Romanos: "... suas mulheres trocaram o uso natural pelo antinatural". O paralelo que segue "igualmente os homens deixaram o uso natural da mulher" (Rm 1,26), levaria a subentender anteriormente "o uso natural do homem". Mas é bem possível que a palavra implícita fosse "o corpo, em cujo caso o uso antinatural deste se referiria a posturas antinaturais no ato sexual. À parte dos diversos textos clássicos para os quais "natural" é o coito em que a mulher está embaixo, enquadraria perfeitamente

com o postulado básico de Paulo: a subordinação da mulher ao homem.

Mas as palavras de Paulo foram interpretadas por muitos como uma referência a relações sexuais entre mulheres. Ambrósio no século IV, explicando a passagem declarou: "Ele testifica que, estando Deus zangado com a raça humana por causa de sua idolatria, acontecia de uma mulher desejar outra mulher pelo hábito de vergonhosa luxúria". João Crisóstomo um século depois acrescentou: "é ainda mais vingonhoso que uma mulher busque esse tipo de relações, porque elas deveriam ser mais castas do que os homens". O comentário de Anselmo no século XII sobre Romanos 1,26 era: "Assim as mulheres transformaram suas relações naturais em relações antinaturais porque as próprias mulheres cometeram atos vergonhosos com mulheres.

Agostinho em 432, previne sua irmã, que tinha feito os votos solenes, que "o amor que vocês têm uma à outra não deve ser carnal, mas espiritual: pois essas coisas são praticadas por mulheres impuras, inclusive com mulheres, em gracejos e brincadeiras vergonhosas..."

A homossexualidade masculina é mencionada, especialmente depois de século XIII, no direito canônico e civil, nos manuais de penitência e de confissão, em sermões populares e na literatura, a quantidade de documentação citando o amor entre mulheres é bastante reduzido. Constando o conhecimento que os europeus possuíam sobre a sexualidade lésbica, a negligência que demonstravam em relação ao tema no direito, na teologia e na literatura demonstra uma vontade quase ativa de descrever.

Dante, que em sua viagem angustiante, passa por todas as variedades conhecidas de pecados humanos, não inclui homossexuais femininas no Inferno nem no Purgatório. A razão por que as relações sexuais entre mulheres são ignoradas ou descartadas dessa maneira fica evidente nos poucos autores que escrevem sobre o assunto, descrever. Aquilo sobre o qual ninguém fala ou escreve não existe.

Em síntese, fossem comuns ou raras, as relações sexuais entre mulheres podiam ter apenas um objetivo, aprimorar e glorificar o sexo de verdade, isto é, o sexo com um homem. Outra razão para ignorar a sexualidade lésbica era a crença de que as mulheres que eram tidas como naturalmente inferiores aos homens, estavam apenas tentando desafiá-los.

Um ponto importante para destacar, são as descobertas dos médicos e anatomistas em relação aos órgãos reprodutores femininos que influenciaram as visões sobre a sexualidade lésbica, de uma forma diferente. A maioria dos escritores que tratavam de estabelecer penalidades para os atos lésbicos tendiam a ser mais brandos em relação a eles do que em relação a homossexualidade masculina. Mas a tendência a encarar a sexualidade lésbica como uma ofensa menor não era unânime. Algumas autoridades a encaravam igual à homossexualidade masculina e portanto passível de punição por morte.

A discórdia sobre como lidar com a sexualidade lésbica é mais do que apenas uma diferença de tempo e de lugar, principalmente porque a maioria dos escritores estavam lidando “com a mesma tradição do direito romano e canônico. Agostinho em sua obra *De Bono Conjugalis*, cujos pensamentos sobre sexo foram fundamentais para moldar a tradição ocidental, definia como antinaturais e pecaminosos aqueles atos sexuais nos quais a relação não se dê no recipiente próprio para a procriação. Em teoria essa definição é tão ampla que poderia incluir tudo, desde o *coitus interruptus* até a sexualidade lésbica. Mas as práticas específicas descritas por Agostinho nesse ensaio eram de homossexualidade masculina, ou sobre o coito anal entre casais heterossexuais.

No século VII, Gregório III, retirou a sodomia da categoria de pecados menores, que incluía coito entre mulheres, masturbação (se referindo a masturbação mútua) e intercurso anal heterossexual. Assim como outras formas de luxúria, a sodomia, segundo Aquino, era um pecado através do qual os seres humanos perdiam a razão por se envolverem

em atos venéreos. Mas ela fazia parte de uma subespécie de luxúria – os pecados contra a natureza – na qual o ato sexual era dirigido exclusivamente ao prazer e não permitia a procriação. Tais atos incluíam, uma gradação ascendente de gravidade, a masturbação, o coito heterossexual em posições não-naturais, a sodomia e a bestialidade. A sodomia neste esquema, era luxúria, homem com homem e mulher com mulher. Aquino, na distinção entre masturbação e sodomia tanto em relação aos homens quanto as mulheres, acrescentou que, para que um ato constituísse, realmente sodomia, tinha de haver “cópula carnal consumada”, o que para ele queria dizer ejaculação.

A sodomia era um pecado tão sério que os julgamentos sobre a aplicação de penas ou a absolvição eram reservados aos bispos. Isso inclui o intercurso anal heterossexual e o coito entre mulheres, mas exclui a masturbação mútua com qualquer outra parte do corpo ou o uso de “instrumentos materiais”. Se há inserção de um dedo ou um objeto inanimado, não há nem coito nem cópula, e não pode ser de forma alguma sodomia, é mera poluição, que apesar de afetada por circunstância agravante, não altera em nada a espécie da ofensa.

Não significa que a sodomia feminina (*sodomia foeminarum*) devesse ser ignorada. Se fosse levantada acusações contra uma mulher, ela deveria ser examinada por parteiras competentes para determinar se era fisicamente capaz de cometer o ato. Um clitóris grande era prova de culpa, o que levava sentença de morte por enforcamento, seguida de queima na estaca. A queima na estaca era a punição a ser aplicada a todos os sodomitas, homens e mulheres.

A homossexualidade masculina, como a feminina se tornam um apêndice inevitável das acusações de heresias e bruxaria. Quando o papa Gregório IX incluiu em sua bula *Vox in Roma*, de 1233, uma descrição das obscenas cerimônias de iniciação dos hereges e bruxos: “Quando esta cerimônia termina, as luzes são apagadas e os presentes se saciam na asquerosa sensualidade, sem discernir sexo. Se há mais homens do que

mulheres, os homens satisfazem seus apetites entre si, e as mulheres o mesmo umas com as outras". Sodomia, bestialidades e outros crimes inaturais tornaram-se, a partir do século XIV, uma parte cada vez mais importante das acusações de bruxaria.

Afonso de Ligório, no século XVIII, o padroeiro dos moralistas, mantém o clássico esquema tomista de pecado *secundum* e contra *naturam*. São pecados antinaturais todos aqueles em que a *seminatio* se realiza de forma contrária à instituição natural, obstruindo a procriação. Distingue, dentro desta seção e por ordem de gravidade moral crescente, entre o *congressus inordinatus* (posturas sexuais nas quais se acreditava impedir a penetração do sêmen na vagina), masturbação individual ou mútua, sodomia e bestialidade. O fato de na homossexualidade feminina não existir emissão de sêmen levará Afonso Ligório a discutir se é possível aplicar nesse caso o qualificativo de sodomia.

As dificuldades conceituais que os homens de épocas diversas enfrentaram em relação à sexualidade lésbica se reflete na falta de uma terminologia adequada. A sexualidade lésbica não existia. Nem mesmo, aliás, lésbicas. O termo não foi usado habitualmente até o século XIX, lésbica como sinônimo de homossexualidade feminina só aparece na literatura francesa por volta de 1842, e na inglesa em 1870. E mesmo então era mais aplicada a uma série de atos do que a uma categoria de pessoas.

A relativa ausência de registros históricos, de estatutos legais, de relatos e de pesquisas no tocante à homossexualidade feminina é portanto vista como parte de um processo mais amplo: a

ausência da participação feminina no processo histórico e na produção cultural. Deduz-se daí que o silêncio sobre o lesbianismo faz parte de um silêncio maior, que recobre o universo feminino como um todo. A história do lesbianismo é praticamente uma página em branco.

Mais do que a homossexualidade masculina, a homossexualidade feminina era o pecado que não pode ser nomeado. O pecado silencioso (*peccatum mutum*), crime tão horrível e antinatural, abominável, e devido a seu horror não pode ser nomeados, literalmente não tem nome e, conseqüentemente deixam poucos ou nenhum vestígio na história. Conseqüência lógica do estado de alienação da mulher, durante milênios oprimida por um sistema tirânico, heterossexista, sexofóbico e machista: o patriarcado. A silêncio gera a confusão e a confusão o medo. Sobre esses alicerces a sociedade cristã ocidental construiu uma barreira que tem resistido por quase dois mil anos.

Precisamos escutar o silêncio...

### Bibliografia

- BOLOGNE, Jean-Claude. *História do pudor*. Lisboa, Elfos, 1990.
- BOSWELL, John. *Cristianismo, tolerancia social y homosexualid.* Barcelona, Muchnik, 1993.
- BROWN, Judith. *Atos impuros*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- PORTINARI, Denise. *O discurso da homossexualidade feminina*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- RICHARD, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- VIDAL, Marciano. *Homossexualidade: ciência e consciência*. São Paulo, Loyola, 1985.